

O USO DA LITERATURA NEGRA EM SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO SOBRE O RACISMO ESTRUTURAL

Suélen Pawelkiewicz¹
Édina Maria Wuikoski²
Isabel Rosa Gritti³

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma proposta de atividade para desenvolvimento em uma turma de sexto ano do ensino fundamental da rede estadual do município de Erechim, no Rio Grande do Sul, visando a utilização do método denominado aula-oficina, de Isabel Barca, com a intenção de uma literatura histórica mais plural e diversa, objetivamos ampliar os meios de aprendizagem dos estudantes a partir da investigação e do tornar o aluno um agente em sala de aula.

A utilização de literaturas negras para uso no Ensino Fundamental e Médio no Brasil é quase inexistente, porém, visando estimulá-la e confrontar o método padrão e branco, temos a intenção de apresentar novos conteúdos literários que tragam autores negros para dentro da sala de aula. Partindo de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*, onde a formulação do texto tem caráter autobiográfico, busca-se dele introduzir os assuntos da população moradora da favela, principalmente, da população negra que ocupa a mesma. O livro aborda muitos assuntos e, portanto, pode ser utilizado em diversas formas, idades e conteúdos didáticos obrigatórios. Tendo como foco a utilização desta atividade no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID, queremos apresentar esse exercício diante da proximidade de datas com o Dia da Consciência Negra, tema que deve ser colocado em pauta, diante de todo o racismo enraizado, escondido e exposto na sociedade. Com isso, a utilização da leitura do texto de Carolina Maria de Jesus faz-se presente e necessária.

1 METODOLOGIA

Como metodologia, considerou-se o trabalho de Isabel Barca, *Aula Oficina: Do Projeto à Avaliação*, onde foi-se pensado a participação ativa do estudante, a partir de cunho exploratório, onde buscou-se através dela criar uma atividade em sala de aula que possa se basear na oficina proposta por ela, com isso, foi-se buscado através do livro de Carolina Maria de Jesus, trechos que fossem apropriados a serem usados em âmbito escolar, para que os estudantes possam aprender com ele.

¹ Acadêmica do Curso de História – 4º semestre/2023. Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. shupawelkiewicz@gmail.com

² Acadêmica do Curso de História _ 4º semestre/2023. Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim. edmariwks@gmail.com

³ Doutora pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador(a). Prof.^(e) do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Erechim. isabel.gritti@uffs.edu.br

Os trechos do livro foram minimamente calculados e escolhidos devido aos fortes relatos encontrados no mesmo. A partir disso, serão colocados em sala de aula para a experiência, a fim de abordar sobre as desigualdades sociais e racismo estrutural a partir da realidade vivida por Carolina Maria de Jesus enquanto moradora da extinta favela do Canindé na cidade de São Paulo.

A autora começa seus relatos partindo da data 15 de julho de 1955, aniversário de sua filha Vera Eunice, no qual demonstra as dificuldades enfrentadas ao não ter dinheiro para comprar um par de sapatos. No decorrer da obra, outros relatos envolvendo questões financeiras vão aparecendo. O pouco dinheiro que recebe catando materiais recicláveis, mal dá para alimentar sua família, precisando em muitas situações, recorrer ao lixo, para encontrar restos de comidas para saciar a fome, que está presente no cotidiano de milhares de brasileiros, principalmente, da população negra moradora da favela.

[...] O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer (JESUS, 2020, p.49).

Em seguida, trabalha-se com trechos sobre o racismo vivenciado por Carolina, por ser uma mulher afrodescendente, no qual proporciona aos leitores, uma visão da favela em seus piores aspectos, mostrando ter orgulho de sua cor de pele, tentando quebrar barreiras impostas pela desigualdade racial, surgindo como uma intelectual, numa sociedade privilegiadamente branca.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (JESUS, 2020, p.64).

Com a escolha dos trechos para a atividade, vincula-se os relatos da autora com a realidade vivenciada pela turma, possibilitando a autonomia por parte dos estudantes em discutir pontos que acabam por aumentar o racismo, como as desigualdades sociais, que inferiorizam as pessoas negras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Mesmo com a implantação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas da rede pública e privada no ensino fundamental e médio, o livro didático utilizado em sala de aula é caracterizado pelo eurocentrismo. Diante deste fato, fazer o uso de oficinas, no qual insere-se a literatura afrodescendente, além de cumprir com os termos da lei, proporciona aos alunos uma reflexão sobre o racismo estrutural e conscientização negra do país.

Trazer ao âmbito escolar a vivência de Carolina Maria de Jesus, autora negra, semianalfabeta e periférica, abre espaço para a construção do senso crítico social dos alunos.

O objetivo da oficina, além de incentivar a leitura, é proporcionar aos estudantes um amplo campo de conhecimentos culturais, desconstruindo estereótipos, de forma lúdica e interdisciplinar. O uso da literatura colabora para a

formação da identidade do sujeito, promovendo a reflexão sobre a sociedade de forma crítica, ao analisar a realidade de diferentes perspectivas.

Seria uma deslealdade de minha parte não revelar que meu amor pela literatura foi-me inculcado por minha professora, Dona Lanita Salvina, que aconselhava-me para eu ler e escrever tudo que surgisse na minha mente. E consultasse o dicionário quando ignorasse a origem de uma palavra. Que as pessoas instruídas vivem com mais facilidade (JESUS, 2020, p.257).

A atividade é caracterizada por três (3) passos, onde busca-se compreender os conceitos e realidades vividas pela população negra no Brasil, a partir do livro *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*.

O primeiro passo trata-se da leitura do livro citado anteriormente, porém, apenas trechos selecionados, devido ao tamanho do livro e do curto tempo para elaboração das atividades, assim como do período de aula, onde os alunos, além de perceberem a realidade da população negra, irão ser estimulados a fortalecer a leitura.

Como passo seguinte, os alunos devem destacar os trechos em que acharem mais relevantes para debater e que lhe chamarem mais a atenção, dependendo da turma e idade dos participantes.

O terceiro passo se caracteriza pelo compartilhamento por parte dos estudantes diante das leituras, assim como de suas vivências, onde o poder de fala fica presente com os estudantes, assim como incentiva Isabel Barca.

Ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que essa sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe [...] (BARCA, 2004, p.132).

Desta forma, o docente além de realizar a avaliação, ao conduzir a contextualização do debate, instiga o educando a refletir sobre questões sociais pertinentes no país.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os relatos de Carolina Maria de Jesus em sua obra *O Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, demonstra a importância dos livros na vida das pessoas, independente de sua condição social. Desconstruindo a visão euro centralizada, visando introduzir a literatura afro-brasileira, faz com que os alunos negros e pardos identifiquem-se, tornando o ambiente escolar mais atrativo, melhorando o desempenho dos alunos e conseqüentemente sua aprendizagem.

Até o momento, por tratar-se de uma proposta de aula, a atividade revela-se proporcional ao ensino, na busca por um aprendizado mais participativo e ativo dos alunos. Após a conclusão da presente pesquisa, o trabalho será colocado em sala de aula para obter-se o resultado final, que se caracteriza pela atividade em sala de aula.

CONCLUSÃO

No decorrer da elaboração da atividade proposta, vislumbra-se um aprendizado lúdico a partir da didática que visa a conscientização socioeducativa do aluno. O professor ao inserir a literatura negra em sala de aula, abre espaço para debates e reflexões acerca do tema do racismo estrutural, colocando em prática a lei número 10.639/03. Diante disso, percebe-se evidente a necessidade de uma educação com maior participação dos estudantes, fazendo com que sejam compreendidos e atuantes na aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula oficina: do Projeto à Avaliação. *In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica*. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade de Minho, 2004, p. 131-144.

BARCA, Isabel. *Literacia e consciência histórica*. Educar, Curitiba, Especial, p. 93-112, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020.